

HISTÓRIA DA SOGRA NA LITERATURA DE CORDEL

José Itamar Sales Silva*

A Literatura de Cordel enquanto veículo e expressão do pensamento e cultura nordestina torna-se referência na leitura e releitura do mundo a partir da perspectiva do cordelista, por este ser filho do seu tempo, e reproduzir necessariamente os conceitos, os preconceitos, as crenças, os valores e paradigmas da sociedade em que está inserido. A Literatura de Cordel “reproduz” como o faz a literatura em geral, vários arquétipos da figura feminina, a citar como exemplo, a mulher como imagem de pureza, de beleza exuberante, de mãe guerreira e exemplar. Mas a Literatura a apresenta também como atormentadora, como prostituta destruidora, como madrasta má, e como sogra maldita, entre outros arquétipos.

Os problemas e conflitos humanos do dia-a-dia sempre estiveram presentes no imaginário popular, pois estes surgem com o gênero humano, e sempre estiveram expressas no senso comum, bem como na literatura oral e escrita. Uma das formas mais populares desta expressão se dá através da Literatura de Cordel que registra e populariza fatos e temáticas do cotidiano humano.

Esses problemas passam a ser registrados e popularizados desde os primórdios do Brasil Colônia, entre os séculos XVI e XVIII, primeiro na oralidade poética e rítmica que pedagogicamente se apresentou como uma poderosa técnica de fixação e reflexão dos problemas humanos. Já no século XIX, no Brasil, esta oralidade poética passa a ser impressa através da poesia narrativa impressa, que ficou conhecida como Literatura de Cordel. Esta divulgação impressa que se propagou a partir do século XIX, teve como seu maior expoente e divulgador o poeta Leandro Gomes de Barros (+1865 – 1918), que coincidentemente em 2008 é lembrado pelos noventa anos de sua morte.

Na Bíblia, mas precisamente no livro de Gênesis, é nos dito que após a criação dos primeiros seres humanos: Adão e Eva, os mesmos se envolveram em um episódio que ficou conhecido como: a queda ou o pecado original, onde eles foram expulsos do jardim do Éden por transgredirem as ordens de Deus, abrindo assim as portas para os males que até hoje atormentam a humanidade. Neste episódio também fica claro a tendência do homem de

*Mestrando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba

imputar culpa à mulher pelos infortúnios e catástrofes que ocorrem a ele e ao mundo desde então. Quando Adão é indagado por Deus, a respeito de sua infração, ele querendo justificar sua transgressão diz ao seu criador “a mulher que tu me deste por esposa, ela me deu da árvore e eu comi” (Gênesis 3:12). A mulher desde então aparece na História como um arquétipo de figura que abre a porta para o mal, que inferniza, que consome e destrói o homem. Convém observar que este mesmo homem que agora acusa a mulher pela sua desventura, celebra a sua chegada de forma romântica como sendo esta a sua alma gêmea, mostrando, assim, a inconstância do homem frente ao papel da mulher em sua vida, ora exaltando-a a condição de princesa e musa, ora rebaixando-a a condição arquetípica de mefistofélica e destruidora.

Aqui nos propomos a analisar o arquétipo da condição feminina, enquanto culpada pelo homem por seus insucessos. Escolhemos como objeto de estudo para este pressuposto a figura da mulher que mais recebe críticas, perjúrios, maldições e alcunhas pejorativas: a sogra. A sogra aparece representada nas anedotas e gracejos enquanto figura feminina, não faltando a ela adjetivos e símbolos, os mais depreciativos possíveis. A isto se acrescentem as centenas de provérbios cunhados na sabedoria popular, que citaremos aqui a título de exemplo: “Eu só não mando a minha sogra para o inferno, porque eu tenho pena do Diabo”.

Utilizaremos como fonte de pesquisa principal em nosso trabalho a Literatura de Cordel, que aqui se justifica por esta ser uma das expressões mais marcantes do imaginário popular, e por ter dedicado parte de sua produção à figura da sogra. Veremos como o homem, enquanto cordelista representa e julga ser a figura da sogra, pois este, embora endeuse a figura da mulher enquanto esposa e mãe, demoniza totalmente a figura de sua sogra, num misto paradoxal de santa e demônio.

Arquétipo é definido como protótipo, padrão ou modelo estabelecido, que serve de referência de um pressuposto ou tese defendida. O arquétipo consiste também em ser uma projeção ou estereótipo de valores e representações culturais e imagens psíquicas do inconsciente coletivo. Ao nos referirmos à representação do imaginário feminino, destacamos a figura emblemática e controvertida da mulher enquanto sogra de um dos cônjuges, principalmente do homem que a enxerga como antônima da figura de sua genitora. A sogra, e não o homem enquanto sogro vai aparecer na história da humanidade como esta figura do mal, muitas vezes associada no imaginário popular à figura do Diabo. “Não há”, ao que parece, registros de sogros estigmatizados e representados através de figuras malélicas, o que com frequência ocorre nos registros sobre as sogras, que receberam por parte do senso comum e da filosofia, forjada no imaginário popular, dezenas de provérbios e ditos populares,

cuja autoria é desconhecida, carregados de preconceitos e depreciação à figura da mesma, tais como: “Deus fez a mãe, mas o diabo inventou a sogra. Sogra e madrasta só o nome basta. Morar com sogra é fazer vestibular para o céu. Sogra boa é a que já morreu. Que nossas sogras nunca se chamem Esperança, pois a esperança é a última que morre”. Estes ditos populares deixam claro, a peja machista em relação à mulher sogra, que sempre são representadas como tendo muitos defeitos e maldades.

Como se não bastassem os provérbios populares, que são em si indicadores desta representação da imagem negativa da figura da mulher sogra, encontramos também histórias populares forjadas nos compêndios do senso comum, que tais como as fábulas de Esopo, veiculam idéias e valores de uma época. Para exemplificarmos uma destas histórias cujo tema é a sogra, reproduziremos aqui um história de autoria desconhecida, que é narrada pelo humorista Ari Toledo , que para aparentar algo “sagrado” parafraseia a história bíblica que se passou com o sábio rei Salomão, que ficou famoso pelo seus acertados conselhos. A história cujo título é *A verdadeira Sogra* , é assim descrita.

Duas mulheres, entre as quais está um rapaz, são recebidas pelo rei Salomão.

- Este rapaz concordou em casar com minha filha – diz a primeira.

- Não! – exclama a segunda – Ele concordou em casar com a minha!

E assim discutem na frente do rei, até que esse pede silêncio.

- Tragam-me minha espada – diz o rei – Vou cortar este jovem em dois e cada uma de vocês ficará com a metade.

- Para mim ta bom! – diz a primeira. Mas a outra responde:

- Oh, majestade. Não desperdice sangue inocente. Deixe a filha desta outra mulher casar com ele.

O rei não hesita um instante e proclama:

- Ordeno que o rapaz case com a filha da primeira mulher.

- Mas ela queria que ele fosse cortado em dois - exclama a segunda mulher.

- Verdade! – responde o sábio rei – Isto prova que ela é a verdadeira sogra.

Esta e tantas outras histórias contribuem para reforçar o estigma do arquétipo da sogra diabólica que inferniza e atribula a vida do homem.

Ainda podemos destacar no imaginário popular da figura da sogra, aqueles que enumeram os tipos de sogra existentes, sendo estas vistas mais uma vez do ponto de vista depreciativo e negativo. Exemplificaremos alguns destes tipos de sogra eleitos pelo senso

comum masculino em sua maioria, tais como: “A sogra general, que é aquela que exige explicações e quer estar sempre a par de seus horários. A sogra bailarina que anda nas pontas dos pés para apanhá-los em flagrante. A traiçoeira que lhe cumprimenta com beijinhos e elogios, mas anseia apunhalá-lo pelas costas. A manipuladora que manipula as situações de modo a sempre ter razão”. Vemos assim que seja de uma forma ou de outra as sogras são sempre representadas e associadas a um protótipo de maldade igualado a de uma feiticeira, que não por acaso também é um arquétipo medieval de mulher que seduz e leva o homem à perdição, impedindo este de ter acesso ao reino dos céus. Não é por acaso também que a mitológica Pandora é também uma mulher que, vencida pela curiosidade que é peculiar às filhas de Eva, abre a caixa que estava cheia de males e catástrofes que a partir de então passam a assolar a humanidade.

A estereotipação da sogra chega ao extremo, quando esta é apresentada de forma patológica, como se esta fosse uma “doença contagiosa” em estado terminal, que é um mal incurável, que deva estar isolada sob pena de contaminação letal. Referimo-nos ao fato de, entre outros fatos, constar-se nos estudos psicológicos da síndrome do Pânico, o medo da sogra, onde entre tantas fobias catalogadas pelo professor doutor em Psicologia Roque Teófilo, é destacado a temível fobia de sogra, intitulada “novercafobia ou pentherafobia que é definida como aversão e medo mórbido irracional, desproporcional persistente e repugnante à sogra”. A fobia de sogra estaria relacionada, quem sabe, à projeção que o homem faz do oposto da mãe carinhosa, que cuida e protege, associando a sogra à figura da mãe relapsa, ríspida e exigente que impõe medo e intimida.

A família e principalmente a figura da mulher é uma das mais celebradas na poesia e temática dos cordelistas. Os cordelistas dispensam à mulher um lugar de destaque sempre presente, que ora é apresentada desempenhando o papel de musa perfeita, pura e inatingível, associando-a a figura imaculada da virgem Maria, sendo também associada, entre outras, de forma oposta à figura da megera domada e ainda associando-a a um ser desalmado e execrável. Embora não haja muitos registros do arquétipo feminino da sogra na literatura brasileira em geral, constatamos que tal não acontece com a literatura de Cordel, que dedica considerável parte de sua produção à figura enigmática da sogra, a julgar pelo que Leandro Gomes de Barros produziu de sua autoria, e que é catalogado no Dicionário Bio-bibliográfico do professor Àtila Almeida e do poeta José Alves Sobrinho, que registram os seguintes folhetos de autoria de Leandro Gomes a respeito de sogra: A alma de uma Sogra, Como se amansa uma Sogra, Herança de uma Sogra, A morte de uma Sogra, A Sogra do Diabo, A

Sogra enganando o Diabo, Um susto de minha Sogra, O testamento de uma Sogra e a Vacina para não ter Sogra. A citar como exemplo apenas Gomes, deixando claro que existem centenas de folhetos de outros poetas populares, dedicados a representar de forma preconceituosa a figura da sogra. A língua portuguesa, como expressão oral escrita do povo em geral, registra na classe gramatical de verbo, o inusitado verbo sograr, que representa a ação de se viver às custas do sogro ou sogra.

A representação feminina na literatura de Cordel, aqui em destaque o arquétipo da sogra, permite a exposição de nossas contradições e aponta-nos para a síntese dialética da condição humana, pois os mesmos cordelistas, que representam o pensamento vigente de sua época, paradoxalmente apresentam, por um lado, o arquétipo da sogra como sendo ela portadora de fluídos ruins, de malignidade e degeneração, e, por outro lado, apresentam também a sogra que não deixa de ser mãe de um dos cônjuges; como se esta, enquanto mulher, tivesse dupla personalidade e de forma dúbia se apresentasse como sendo uma pessoa antagonica, dependendo da condição em que a mesma se apresenta.

Convém observar que o destaque positivo é dado sempre à sogra da mulher, que é destacada não como sendo sogra da mulher, mas como mãe do homem, e como tal ela é representada como símbolo de carinho, amor cuidado e proteção, sendo, por isso, ovacionada e divinizada. Esta representação tão comum na Literatura de Cordel é característica de toda escrita que é produzida por homens, pois, embora enquanto arquétipo, a sogra possa ser considerada tanto pelo homem, quanto pela mulher com o mesmo preconceito, o registro do mesmo na literatura de Cordel é feito sempre pela figura patriarcalista e conservadora do homem, que dominou os espaços e excluiu a mulher da liberdade de pensamento e expressão.

A condição de sogra é algo que, quase se impõe à mulher, pois a mesma cumprindo o curso natural de sua vida gerará um outro ser, que, posteriormente, ao unir-se em casamento ao sexo oposto, a elevará obrigatoriamente à condição de sogra, transportando-se do patamar privilegiado e valorizado de celeste mãe, para ser “rebaixada” a patente de diabólica sogra.

O poeta Leandro Gomes que aqui é tomado como referência do Cordel, que interpreta e representa o pensamento popular com respeito à figura sogra, traz em seus versos a visão patriarcal, machista e autoritária que relega a mulher à condição de inferioridade. E, não obstante o autor demonstrar ter profunda paixão e admiração pela figura feminina em muitos de seus folhetos, migra em seguida para apresentá-la em alguns folhetos como alguém que quer subverter a ordem, denunciando, assim, um machismo às avessas, pois em seus folhetos há, constantemente, queixas dos homens em relação ao “temperamento difícil” da mulher sempre insatisfeita e rebelde. Apesar de haver todos estes registros nas obras de Leandro, em

relação à figura feminina, a que mais se destaca e recebe violentos epítetos e depreciações é a figura da sogra, que é vista como a maior inimiga da estabilidade do lar e uma ameaça ao poderio que o homem exerce sobre a família, associando-a com frequência as mais odiadas e terríveis figuras por eles idealizadas, tais como o Diabo e o fiscal do governo que tantos males causam à humanidade.

Utilizaremos alguns versos do folheto de autoria de Leandro Gomes de Barros, a título de demonstração, que está contido na obra organizada por Irani Medeiros para evidenciarmos aquilo que parece notório quando este versa sobre o arquétipo feminino da sogra. O folheto tem como título: A Alma de uma Sogra, e traz em sua capa a arte da xilogravura que apresenta uma caricatura de mulher com uma língua comprida, cercada por duas serpentes engolindo uma a outra. O folheto é composto de versos metrificados em sextilhas de sete sílabas com trinta e três estrofes. O poeta em sua arte descreve a má sorte de um cidadão que teve “a desventura” de ter tido cinco sogras:

*Veio uma dessas ciganas
Que lê mão da pessoa,
Leu a mão de um velho e disse:
Vossa mercê anda à toa,
De cinco sogras que teve
Não obteve uma boa.*
(BARROS apud MEDEIROS, 2002:455- 458))

O poeta prossegue agora descrevendo os tipos de sogras, comparando-as inicialmente a uma cobra caninana, que embora não seja tida pela ciência como sendo venenosa, traz o significado, segundo o dicionário Luft de: cobra não venenosa, com 2 a 3 m de comprimento. Pessoa de mau gênio, irritadiça. Talvez o poeta a compare a sogra a uma cobra, também pelo fato, de a cobra ser símbolo da traição e da maldade. A cobra (serpente) foi a “responsável” pela indução da mulher (Eva) ao pecado, abrindo a porta para o pecado, a morte e, conseqüentemente, atingindo desastrosamente todo o gênero humano. A Sogra enquanto “cobra” é responsabilizada por quase todos os problemas que surgem no casamento, como alguém cavilosa que trama covardemente a desarmonia da família. Vejamos então:

Então a primeira sogra,

*Foi uma tal de mariana,
Tinha os dentes arqueados
Como a cobra caninana,
Ele casou-se na quarta-feira
Brigou no fim de semana.*

*Era da cor da jibóia,
O rosto muito cascudo
E tinha no céu da boca
Um dente grande e agudo
Essa engoliu pelas ventas
Um genro com roupa e tudo.. (idem, p.456)*

A descrição da maléfica sogra prossegue, trazendo em si características depreciativas, sem nenhuma beleza estética, que já pela aparência causa repugnância e desprezo. A mesma também é apresentada como sendo uma feiticeira, que com suas mandingas, perjúrios e conjuros enfeitiçam e hipnotizam a sua vítima levando-o ao precipício. O poeta ainda em seu verso diz ser ela uma depravada, visão medievalista que via a mulher como instrumento de pecado, sedução, engano, perversão que levava o homem às mais terríveis tentações e luxuriosas quedas. Todas essas sinistras qualidades são projetadas na figura da sogra:

*A segunda era uma tipa
Alta, magra e corcovada,
Danada para passeios.
Enredadeira exaltada
Cavilosa e feiticeira,
Intrigante e depravada. (Ibidem, p. 456)*

Nos versos do poeta a sogra também é descrita como sendo um dragão, que a despeito de ser um animal mitológico, apresenta-se como um monstro horrendo que consome e destrói tudo que se lhe opõe. O dragão tal qual a serpente prefigura o mal, o Diabo em pessoa, que chega só para destruir desestabilizar a eterna paz familiar: Assim é descrita sogra que atormenta diariamente o seu genro, levando-o a odiá-la e ojerizá-la.

*A terceira se chamava
Genoveva bota-abaixo,
Espumava pela boca
Que a baba caía em cacho,
Um dia partiu a ele
Fez-lhe da cabeça um facho. (ibidem, p.456))*

O cordelista continua sua descrição da funesta sogra, agora a comparando, a um jacaré, e convém observar que é do feitio do homem desqualificar seu adversário rebaixando-o a condição de um animal, como sendo um ser irracional, insano, bruto que age por instinto. Outro aspecto a observar é o fato de que todos os animais que são apresentados como figura da sogra, são animais selvagens, que não se deixam domesticar-se, e que “não podem” conviver civilizadamente com o homem. Ainda percebemos que os animais usados no folheto para representar este arquétipo feminino, têm uma língua grande e peçonhenta (Cobra, dragão e jacaré), que obviamente remetem à visão que o homem tem da língua da sogra, que estila veneno, que difama, que pragueja, que se intromete no que não lhe diz respeito:

*A quarta era fogo-vivo
Se chamava Ana-martelo
Filha de uma tal medonha,
Bala de bronze, cutelo,
Parecia um jacaré
Desses do papo amarelo Iibidem, p. 456)*

O poeta ainda não conformado com os epítetos pelos quais nomeia as sogras, a apresenta como sendo uma alma penada, um fantasma, um zumbi, que nem depois de morta deixa em paz o seu genro, vindo constantemente do além para atormentá-lo, como algo de quem nem a morte podem livrá-lo. Porém convém observar que ela “sempre” morre e ele (o genro) vence e permanece. No julgamento que o homem faz de sua sogra, a condena ao inferno comparando-a com o Diabo, sendo esta a personificação do mesmo na terra:

Esse tal de bota-abaixo

*No dia que ela morreu
Eu lhe mostrei uma imagem
Pois a velha ainda se ergueu
Arrebatou-me a imagem
Deu um bote e me mordeu.*

*Passei um ano e dois meses
Com febre sobre o chão duro,
Tinha febre todo dia
Trancado num quarto escuro
E a lama da danada
Me esperando no monturo.*

*Disse a velha se mordendo,
Eu parto se não me acabo,
Diabos carreguem meu genro,
Que nem sogra dá-lhe cabo,
Saíram então se mordendo
A velha com o Diabo.(idem, p. 458.)*

O cordelista quando da sua descrição, representação e interpretação do arquétipo da sogra, o faz como filho do seu tempo, sendo influenciado pelos valores e paradigmas tradicionais de uma sociedade conservadora, patriarcalista e machista. O papel da mulher é reduzido a uma condição de subserviência, que deve ao homem a sua realização e razão de viver, e que dele depende toda a sua realização. O homem ao referir-se a mulher nesta condição inferior, convive com ela e paradoxalmente a eleva a condição de musa exuberante que ele escolheu para com ela dividir suas alegrias e tristezas, para ser mãe de seus filhos, para viver um “grande amor”. Mas a vida nem sempre é um mar de rosas, e quando os espinhos aparecem a quem culpar pelos dissabores e vicissitudes da vida? Quem será eleita como a serpente que leva a mulher a rebelar-se contra o seu deus (o homem)? Ela, a serpentina sogra. O homem cumprindo a sua “sina” de não assumir sua parte na culpa do problema, prossegue sofrendo de uma antiga “doença” que nós nomearíamos como “síndrome de Adão”, que tem como seu

principal sintoma atribuir à mulher a causa de seu infortúnio. Mas esta projeção é feita diretamente à figura da sogra, que é vista como o Diabo na vida do homem, que o atormenta a ponto de ser considerada como uma doença, uma fobia, a novercafobia que é aversão patológica à sogra.

O professor Mota (2005) ao escrever para um periódico sobre as razões por que as sogras têm má fama, faz uma análise que reproduz o pensamento do homem do povo, o cordelista. Mota (op. cit.) cita a Psicologia e a Antropologia na tentativa de explicar esta questão milenar quando diz: “Segundo o psicólogo Arnaldo Nicoleta Filho da Universidade de Franca, o mito da sogra má é resultado de inúmeras experiências através das gerações, que acabaram formando um arquétipo no qual prevalecem os aspectos negativos. De acordo com a antropóloga Eliana Amábile Dancini, da Universidade Estadual Paulista, o mito é cultural e trata-se de um desdobramento das questões da estrutura patriarcal da família, na qual o homem está no topo da hierarquia e a mulher serve só para tarefas domésticas. Quando a mulher é a sogra, já não tem funções e fica estereotipada como alguém que não tem nada pra fazer a não ser incomodar”.

Pelo que se representa na Literatura de Cordel e no imaginário popular com relação à figura feminina da sogra, parece estar longe de mudanças este estado de coisas que estereotipa a mesma, sendo assim, o mito da sogra má permanecerá sendo um estigma que marcará esta fase arquétipa da mulher em seu papel mais odiado, o papel de sogra. Na representação deste conflito entre sogra e genro, apenas se tem um paliativo para ambos que consiste em viverem o mais distante possível um do outro, e como solução final, segundo o imaginário popular, a tão desejada morte da sogra, isto quando a mesma não volta do além para atormentar o seu “querido” genro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Átila de, e José Alves Sobrinho. **Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, vol 1-2, 1978.
2. BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000.
3. CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. 10. ed. Revista, atualizada e ilustrada. São Paulo: Global editora, 2001.

4. CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.
5. LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Escolar Luft de Língua Portuguesa**. Edição atualizada e reformulada. São Paulo: Ática, 2005.
6. MEDEIROS, Irani(org.). **Leandro Gomes de Barros: No reino da poesia sertaneja**. João Pessoa, PB: Editora Univresitária, 2002.
7. MOTA, Guilherme. **Segunda mãe: Por que as sogras têm má fama?**In_ Revista Super interessante, São Paulo, edição 213, p. 47 maio de 2005.
8. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
9. TEÒFILO, Roque. **Glossário das fobias**. São paulo: Associação Brasileira de Psicologia, 2008. Disponível em www.psicologia.org.br/internacional/gloss.htm. Acesso em 04 de maio de 2008.
10. TOLEDO Ari. **A Verdadeira Sogra**. Disponível em [www.orapois.com.br /humor/piadas/piadas-de-sogras/rei-salamao-e-a-sogra](http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-sogras/rei-salamao-e-a-sogra). Acesso em 04 de maio de 2008.